

ÍNDICE INDICE

- 8** O meu olhar desde os cocurutos nas povoações empoleiradas
Conceição Lopes

- 10** Mediterraneidade — o espírito do Mediterrâneo
Fernando Santos Pessoa

- 13** Povoados alcandorados do Mediterrâneo
Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez, Desidério Batista, Vítor Ribeiro

ENTRE MARGENS ENTRE LES MARGES

- 16** Águas de Mértola: 2000 anos de abastecimento, armazenamento e gestão da água num povoado alcandorado
Virgílio Lopes, Susana Gómez Martínez, Mária de Fátima Palma, Cláudio Torres, Miguel Reimão Costa

- 22** Le géomorphosite culturel de Matmata (sud-est tunisien): paysage et habitats troglodytiques
Nouri Boukhchim

- 27** A aldeia berbere de Zroua nas montanhas meridionais da Tunísia: identidade e dinâmica da paisagem mediterrânica
Desidério Batista, Miguel Reimão Costa

- 33** Kourbous à l'époque moderne, renaissance et extension d'un village et d'une station thermale en montagne au Cap-Bon (nord-est de la Tunisie)
Beya Abidi

ENTRE PONTOS ENTRE LES POINTS

- 38** Mediterrâneo: um certo genius de habitar
Gonçalo Duarte Gomes

- 43** Las comunidades de Djebel Sirwa (Anti-Atlas, Marruecos): hacia una relación entre hábitat y economía
José María Moreno Narganes, Hacomar Ruiz González, Efraín Marrero Salas, Jared Carballo-Pérez

- 49** Centralidades encaramadas. Ciudades medias de las sierras béticas desde una perspectiva territorial e histórica. Los casos de Estepa y Osuna
Blanca del Espino Hidalgo, Francisco José García Fernández

- 55** Monte Cabeço da Cardo, 226 metros de altitude. Um percurso entre o Mediterrâneo e a faixa atlântica para reconhecimento dos valores do vernáculo
Cláudia de Oliveira Calado Gaspar

ENTRE MONTANHAS ENTRE LES MONTAGNES

- 60** Tagnit n'Abdiy. A arquitetura e a paisagem da região nordeste do Anti-Atlas em Marrocos
Miguel Reimão Costa, Desidério Batista

- 66** Zriba, un village perché du mont Zaghouan (nord-est tunisien)
Meriem Marzouki

- 71** Lecture architecturale, paysagère et culturelle d'un village perché — cas de Takrouna, Tunisie
Ons Najjar, Raja Gzara

- 76** Além da casa sem nome. Novos estudos: Constantina
Vidal Gómez Martínez, Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano

- 82** Manières d’habiter dans les zones montagnardes de la Méditerranée Occidentale: recherches sur les modèles d’habitat traditionnel de Chefchaouen
Leila Harabi

ENTRE FRONTEIRAS ENTRE LES FRONTIÈRES

- 87** “De Marvão vê-se tudo”, assim dizia José Saramago
Jorge de Oliveira
- 94** Topografias dos recintos murados da Pré-História recente do Alto Douro: o caso do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)
João Muralha, Sérgio Gomes, Ana Vale, Vítor Oliveira Jorge
- 106** Estruturas de fronteira: arquitetura e povoamento em Ribacôa
Maria Isabel Lopes de Mendonça
- 112** Estremoz: assentamento e fronteira
Ana Costa Rosado

ENTRE ÁGUAS ENTRE LES EAUX

- 112** A arquitetura corrente do Baixo Guadiana através da arqueologia: a parcela do edifício dos antigos CTT de Alcoutim entre os séculos XV a XX
Marco Fernandes, Virgílio Lopes, Susana Gómez Martinez, Miguel Reimão Costa, Alexandra Gradim
- 116** La Cittadella di Gozo a Malta: un’acropoli nel cuore del Mediterraneo
Germano Germanò
- 123** *Telhados de tesouro* da Ribeira de Tavira — Modelos e tipologias da casas nobres entre os séculos XV e XVI
Ana Isabel Nascimento Santos
- 128** Vila da Fuzeta, entre o mar e a terra. Revelar arquiteturas, percursos e horizontes lagunares
Pedro Miguel Mascarenhas de Brito, João Gabriel Candeias Dias Soares
- 134** Os povoamentos alcandorados da cidade de Lisboa em risco
Filipe Mário Lopes

ENTRE TEMPOS ENTRE LES TEMPS

- 139** Arquitetura de adobe em povoações alcandoradas de Portugal
Maria Fernandes
- 142** A aldeia de Prados no Programa de Renovação Rural: apontamentos para uma história das intervenções de reabilitação em áreas rurais no Estado Novo
Vítor Ribeiro
- 149** Identité architecturale et patrimonialisation de l’habitat en Kabylie
Zoulikha Ait-Lhadj, Messaoud Aiche, Miguel Reimão Costa
- 155** Uma ponte construída em taipa — Sobral da Adiça, Moura
Miguel Ferreira Mendes

MEDITERRÂNEO: UM CERTO *GENIUS* DE HABITAR

Gonçalo Duarte Gomes

CHAIA, Universidade de Évora
gduartegomes@gmail.com

Palavras-chave: paisagem, *genius loci*, *ethos*, habitar

Resumo

Compreendendo uma realidade geográfica que liga o Oriente ao Ocidente e o Norte ao Sul, a bacia do Mediterrâneo constitui um cadinho de inevitável diversidade paisagística, reflexo de não menos distintas culturas, línguas, comportamentos, credos, entre tantos outros traços identitários, que se cruzam numa História partilhada.

Mas, não obstante a pluralidade, será, ainda assim, identificável uma unidade na abordagem ao acto de habitar, de arquitectar – no sentido etimológico do construir, do criar o abrigo para o Homem – a paisagem e, conseqüente e intrinsecamente, a edificação, através de processos que, ainda que formalmente distantes, sejam essencialmente próximos?

Através da análise de autores distintos em distintos registos – desde a historiografia de Braudel ao impressionismo viajante de Matvejevitch, passando pela análise apaixonada, mas escalpelizada, de Orlando Ribeiro ou o humanismo de Torga – procurará identificar-se a comunhão de um certo *genius* de habitar, não confinado a um *loci* específico, na procura do que traduz um *ethos* mais amplo: o Mediterrâneo.

1. O Mediterrâneo

O que é o Mediterrâneo? A questão, podendo parecer geograficamente inusitada, porque imediatamente respondida, encerra em si uma complexidade que se desvela na proporcional medida do aprofundamento da reflexão.

Orlando Ribeiro conceptualizava desta forma o Mediterrâneo: *como unidade natural definem-no essencialmente a posição, o clima, a articulação do seu relevo, para de seguida acrescentar como individualidade humana, a semelhança que os seus modos de vida apresentam de um extremo ao outro, visto que só uma vez, e apenas por alguns séculos, se pode falar de uma organização política que se estendesse a todo ele: o Império Romano* ([1968] 2011, p. 37).

Afigura-se assim como mais do que uma mera delimitação geográfica, algo que, partindo de elementos telúricos, se sublima numa essência que não se deixa confinar ou explicar apenas com recurso a fronteiras físicas ou do campo da abstracção administrativa.

Fernand Braudel adoptou também uma abordagem cautelosa à definição dos limites do Mediterrâneo,

comparando-o a *um foco luminoso cuja intensidade se esbate sem que se possa estabelecer definitivamente onde se situa a fronteira entre a sombra e a luz* ([1946] 1995, p. 193).

Resulta assim menos desconcertante a conclusão de Predrag Matvejevitch, imediatamente na abertura do seu Breviário Mediterrâneo, acerca do estado da arte sobre a delimitação do Mediterrâneo: *não sabemos ao certo até onde vai* (2019, p. 19).

Uma dúvida que data da Antiguidade Clássica. Não obstante a óbvia circunscrição do *mediterraneus* dentro das suas margens e da estreita abertura guardada pelas Colunas de Hércules (*Mons Calpe* a norte e *Mons Abila* a sul), algo mais se adivinhava.

No mapa – ou naquilo que se estima poder ser uma sua representação fiel, antecessor até da “Geografia” de Ptolomeu – de Anaximandro, este materializa no Mediterrânico, que é o centro do mundo conhecido, a sua concepção cosmogónica do *apeiron* (Brotton, 2013, pp. 25-26).

Conceito difuso de etologia, postula a existência de uma identidade supra, original, de onde as micro se cindem. Ou seja, coexiste no Mediterrâneo uma dualidade que o torna simultaneamente convergente e divergente, polissémico ponto de concentração e de disseminação de valores fundamentais que são apropriados e se expressam

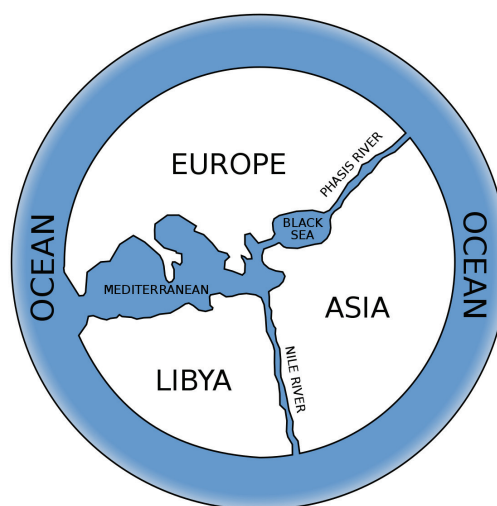


Fig. 1 Representação do mapa de Anaximandro (https://pt.wikipedia.org/wiki/Anaximander_world_map-en.svg)

diferentemente, formando, no entanto, uma unidade cultural heterogénea.

Evolui depois para o conceito romano de *orbis terrarum* (limites do horizonte terrestre). Mesmo conhecendo o mundo para lá do seu Mundo, os Romanos limitavam ao Mediterrâneo o conceito da civilização, num chauvinismo deliberado, pensado para afirmação unitária de uma autêntica cultura mediterrânica.

Para compreendê-la, importa considerar quatro factores fundamentais: clima, relevo, movimento e gente.

1.1. Clima

O clima mediterrânico, que exerce uma influência relativamente homogénea ao longo de toda a bacia mediterrânica, caracteriza-se fundamentalmente pela secura, intensidade térmica e longevidade dos Verões, e pela amenidade dos invernos. A precipitação, mais incerta do que escassa, concentra-se em períodos curtos (no Outono e Primavera, fundamentalmente), uma originalidade climática que origina chuvas violentas, em regime torrencial.

Dada a sua localização, o Mediterrâneo existe no incerto limiar entre a aridez do deserto, a humidade atlântica e o rigor continental. E embora desapareça nessas áreas, realiza-se no contacto com elas.

Um exemplo do determinismo do clima no Mediterrâneo é a sua associação à prosperidade e também declínio do Império Romano. O domínio de Roma está associado a um prolongado óptimo climático na região, considerada a média. Por outro lado, o fim do Império Ocidental, em 476 AD (início do reinado de Odoacro), corresponde a um período de significativo arrefecimento do clima do norte da Europa, forçando enormes massas de população a rumar a sul, em busca de condições de vida mais favoráveis, numa “invasão” que precipitaria o colapso do Império (Comellas, 2011, pp. 154-162).

1.2. Relevo

O relevo é determinante, pois *o Mediterrâneo reduz-se a uma fímbria entre a montanha e o mar* (Ribeiro, [1968] 2011, p. 46), normalmente marcado pelo calcário, *pano de fundo de montanhas brancas e descarnadas, providas apenas de retalhos de solo arruivado [...] e uma das razões da sua pobreza* (*ibid.*, p. 38). A exiguidade de terras baixas e ainda mais de terras planas – o que origina uma intrincada rede hidrográfica – leva a que água e fertilidade que permitem a permanência e a sobrevivência se alcancem apenas por um *esforço sustentado, onde uma vitória só se alcança com luta e se mantém com ininterrupta vigilância* (*ibid.*, p. 49), onde se inclui o esforço da despedrega e do arrumo da pedra, notavelmente nas faraónicas obras dos socalcos – *foi mais o suor vertido no desbravamento das encostas que na construção das pirâmides* (Matvejevitch, 2019, p. 77).

No Mediterrâneo ocupa-se mais o que se pode do que o que se quer.

1.3. Movimento

As movimentações no Mediterrâneo são um aspecto marcante nas dinâmicas populacionais, económicas e culturais. De tal forma, que pode ser entendido como um ecossistema, que se define não apenas pelas suas variáveis de estado, mas também pelas relações entre estas (fluxos).

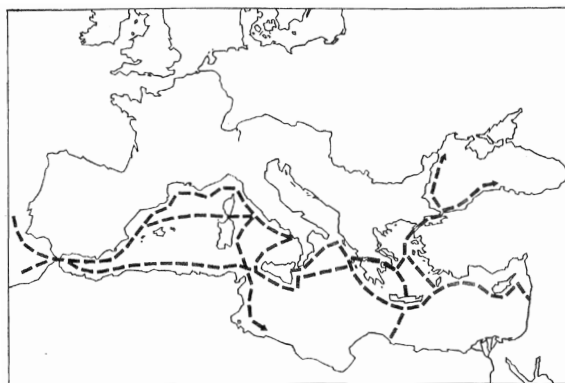


Fig. 2 Rotas de navegação no Mediterrâneo (Jabouille, 1996, p. 22)

O Mediterrâneo só tem unidade pelo movimento dos homens (Braudel, [1946] 1995, p. 310), teoria que transforma esta região num “espaço-movimento”. Desde logo, pelo mar, completando e complementando margens: *não é a água que liga as regiões do Mediterrâneo, mas os povos do mar* (*ibid.*).

Por terra, para lá das rotas comerciais, transumância e nomadismo marcavam o ritmo dos povos e paisagens mediterrânicas, com intensas trocas. A itinerância da mão-de-obra e a migração são assim marcas do Homem mediterrânico: os camponeses deslocam-se para a montanha, os montanheses para a cidade, os do sul para o norte, os de leste para oeste, os de oeste para além-mar.

Esta circulação de gente transporta consigo conhecimento, cultura, ferramentas, artesanato, práticas, dizeres – algarviadas análogas e até imprecções obscenas, como no caso do pirete, do *digitus impudicus* latino e do *katapygon* grego – e mitos.

Também pelo turismo, registado desde a Antiguidade nos “périplos” de vários autores (Jabouille, 1996, pp. 56-63). Que diriam da forma como hoje o Mediterrâneo gere a crise dos migrantes?

Foi aqui fundamental a *pax romana*, permitindo um nível de disseminação e assimilação cultural sem paralelo. Lucien Febvre, imaginando que Heródoto ficasse amplamente surpreendido com os camponeses de 1940, tinha a certeza de que Plínio “o Velho” não sentiria grande estranheza (Braudel, 2001, p. 336). Em Portugal, as *villae* instituídas pela administração romana há 2 000 anos constituem um de três momentos históricos marcantes para a evolução da propriedade rústica (Beires *et al.*, 2013, p. 92). Como Ovídio resumiu: *romanae spatium est urbis et orbis idem*.

1.4. Gente

Orlando Ribeiro considerava o homem mediterrâneo um *pastor transumante, navegador, [...] sobretudo, um rude trabalhador da terra* ([1968] 2011, p. 198), que as condições do meio predestinam ao localismo, mas que o mar condena a uma vida de relação. Aceitando a teoria de Durkheim, de que *a organização social foi o modelo da organização espacial, que é como que um decalque da primeira* (Silvano, 2010, p. 14), o homem mediterrânico retrata-se na sua paisagem.

Novamente nas palavras de Orlando Ribeiro, desta feita sobre os algarvios, temos uma leitura do que é o carácter das gentes do Mediterrâneo: *Mas o Algarve não é o jardim do Éden. Olhe-se como os campos e os arvoredos estão encerrados por afloramentos de calcário estéril. Repare-se como, por toda a parte, os muros de pedra, as belas sebes*

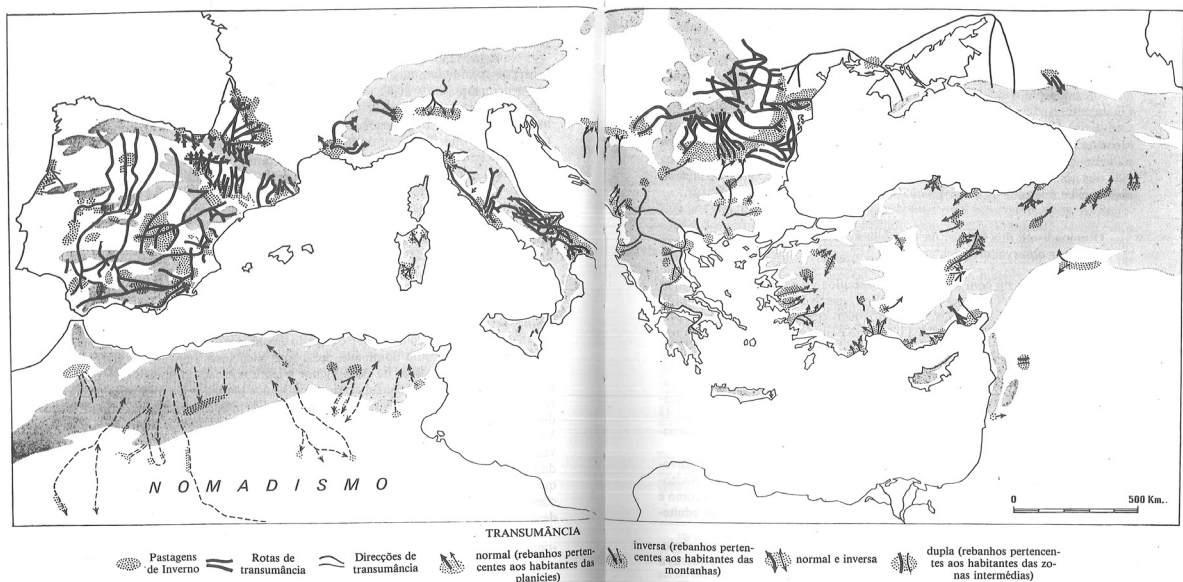


Fig. 3 Transumância e nomadismo no Mediterrâneo (Braudel, [1949] 1995, pp. 114-115)

de opúncias, a casa esparsa e o entrecruzar de caminhos, mostram até que ponto a terra está ocupada. A emigração é um recurso e uma necessidade. O algarvio leva consigo o jeito de acomodar-se, o ar aberto, acolhedor, o gosto de rir e de falar; com a vivacidade que lhe deu fama ele é, na posição como no temperamento, o mais meridional dos portugueses. ([1945] 1998, p. 164). Trabalhadora, sacrificada, profundamente ligada à terra e, apesar de tudo, alegre e ousada: é esta a têmpera mediterrânica. Sem falar da vigarice. Em certas cidades, e sobretudo nos seus portos, ela é mais do que uma simples habilidade: é uma das ciências do Mediterrâneo, ou até uma arte (Matvejevitch, 2019, p. 29).

Um carácter que partilha História e sangue, num processo de miscigenação que atravessa feitorias fenícias, colónias gregas e províncias romanas, continuando até aos nossos dias. O próprio imaginário é partilhado através de uma memória profunda, inscrita na mitologia (os mitológicos rios subterrâneos não são mais que a mistificação dos cársicos e aquíferos), que traduz a intensa circulação cultural, e que deixou cada margem do Mediterrâneo a reflectir sobre a sua oposta, como um único ecossistema cultural e social, em catarse compartilhada, porque *nenhum povo reúne todas as características mediterrânicas: elas estão espalhadas de uma ponta à outra* (ibid., p. 112).

Gente para a qual o tempo é relativo, assim como a divisão entre vivos e mortos. Pois o antigo e os mortos marcam clara presença no contemporâneo e nos vivos, como se mítico e real se fundissem.

1.5. A estranha familiaridade mediterrânica

Do seu périplo pelo Mediterrâneo, Paul Theroux relata um sentimento transversal aos locais de todos os países, revelado por uma frase comum: *this is not one country – this is many countries* (Theroux, 1996, p. 75). Isto revela uma particularidade do Mediterrânico. Se o *ethos* mediterrânico abrange alguns países na sua totalidade, incide apenas em partes de outros, raramente se prolongando para lá da primeira elevação significativa. *Mal se transpõe a primeira montanha interrompe-se a ligação com o mar, a região transfigura-se [...] em terra do interior* (Matvejevitch, 2019, p. 92), uma passagem que, referindo-se à região de Mostar, na Bósnia-Herzegovina, descreve certeira e peculiar relação entre o Algarve litoral e interior, em que as gentes do

último, descendo as serras, dizem ir “ao Algarve”, por nele não se reverem. É por isso que as nações se compreendem e se cumprem mais plenamente na partilha mediterrânica que com estrangeiros possuem, do que no interior das suas fronteiras. A condição mediterrânica é “pele” mais confortável do que a condição nacional. É pátria dentro de Nações, como que uma estranheza mediterrânica, uma familiaridade que inclusivamente penetra na linguagem, já que *observa-se assim [...] uma coabitação de duas ou várias linguagens: idiomas vernaculares de filiação mediterrânica e língua nacional, dita literária, de origem mais ou menos continental* (ibid., p. 60).

Talvez por isso seja tão frequente a falta de compreensão entre aquela que podemos denominar comunidade mediterrânica e a restante União Europeia, clivando Norte e Sul.

2. Habitar o Mediterrâneo

Como se habita então o Mediterrâneo? Como se arquitecta – exercício de mediação e diálogo entre necessidades, possibilidades e condicionalismos, particularmente os do meio – esse habitar, no sentido etimológico do construir, do criar abrigo para o Homem, necessidade para ele basilar, como sintetizou Alejandro de la Sota, *necesitó el hombre guarecerse, necesitó arreglar un poco su vida sobre la tierra: construyó* (Puente, 2002, p. 134). E como se processa neste espaço que, mais do que numa geografia, se localiza num *ethos*, num *genius* de habitar que não se confina a um *loci* específico?

Se a paisagem humanizada, como é a do Mediterrâneo, é *aquela que o homem modelou para satisfação das suas necessidades* (Caldeira Cabral, 1993, p. 46), e a casa é *um produto do Homem, um facto de cultura, e será no próprio Homem e nas leis da sua criação cultural que se devem procurar a razão de ser e a explicação decisivas da casa que é a sua obra* (Oliveira & Galhano, [1955-56] 2003, p. 14), o habitar explica-se no habitante que, por sua vez, se explica no seu meio, que sobre ele opera de forma determinística. Exposto de outra forma, *alrededor de la arquitectura pasan cosas importantes. El clima y el paisaje [...] son todos parte de este entorno que da razón de ser a la arquitectura* (Serra, 2006, p. 12).

Como se exprime então o Mediterrâneo na organização paisagística, urbana e da própria casa?

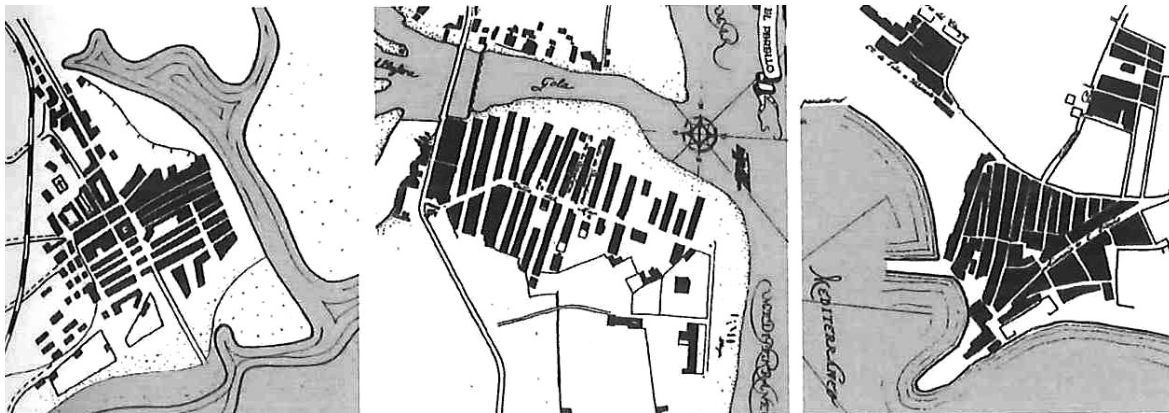


Fig. 4. Núcleos habitacionais da Fuseta (PT), El Perelló e Benidorm (ES) (Tostões, 2016, p. 79)

2.1. A urbe na paisagem

É na montanha, onde o Mediterrâneo *terá dado* [...] *os seus primeiros passos* (Braudel, [1946] 1995, p. 62), que encontramos os assentamentos originais, que expressam desde logo a relação umbilical com a paisagem. Fugindo dos riscos, da violência e insalubridade que o regime torrencial das chuvas associa à planície (*aqua, vita et mors*), é na encosta – tantas vezes arduamente modelada para esse efeito – que os pioneiros da humanização mediterrânica se instalam, não obstante a incomodidade e a dificuldade no acesso à água.

Em aglomeração, pois as casas, como animais, aglomeram-se para se protegerem de ventos agrestes e para partilharem sombras mitigadoras da canícula: *todo o Mediterrâneo é terra de aldeias que ponteiam, de longe em longe, os campos onde o homem trabalha e não reside. Aldeias de casas juntas, às vezes mais do que compactas, apinhadas, não raro alcandoradas em alturas e, por isso, dissociadas dos campos* (Ribeiro, [1968] 2011, p. 138).

Na proximidade do mar, a malha edificada nos povoados ribeirinhos, relaciona-se sempre – regra geral, de forma ortogonal – com este. Os dois versos do poema de António Pereira *Sou algarvio / E a minha rua tem o mar ao fundo* sintetizam não apenas o Algarve, mas toda a relação que na orla marítima mediterrânica se estabelece entre urbes e o mar.

A urbe de orla marítima está ligada a um porto, maior ou menor, e igualmente à contraparte montanhosa, alcandora-se em lugar incómodo, que permite o domínio do recesso costeiro.

2.2. A casa

A casa do Mediterrâneo identifica-se, mais do que por volumetria ou estética, pelas relações com a envolvente.

Desde logo, com o clima. A casa mediterrânica tem sempre preocupações de climatização, que se traduzem em adaptações estruturais. A sua arquitectura é mais de vivência e não tanto de objectos arquitectónicos, não é fim em si mesmo, mas meio para proporcionar algo aos que a vão viver. Daí que se abra ao exterior através de escassos e reduzidos vãos, coberturas e tectos altos para preservar a frescura (que é ampliada pelo pátio interior, com água, vegetação ou ambas), reixa (ou equivalente) nas portadas, açoteia como forma de aproveitar o sol escaldante para secar os frutos da sempre próxima terra.

Daí que, por todo o Mediterrâneo, sejam identificáveis unidades construtivas e elementos repetidos, não

obstante adaptações formais e materiais localizadas, que concretizam uma inequívoca identidade partilhada. É o caso da casa redonda (Ribeiro, [1961] 2013, pp. 61-62), da cobertura em abóbada, de alçados, do pátio, do forno, da chaminé, da cisterna, da alcova, conforme documentado por Mafalda Pacheco (Tostões, 2016, pp. 71-97).

3. Onde pára o Mediterrâneo?

Se a arquitectura – tanto da paisagem como do edificado – é uma expressão de valores civilizacionais, é ela hoje, no contexto nacional, fiel ao *ethos* mediterrânico? Face ao exposto, é legítimo questionar onde pára o Mediterrâneo no contexto português? É hoje a arquitectura factor identitário ou de descaracterização – que não evolução porquanto não resulta de uma metamorfose progressiva, mas antes de uma substituição imposta por valores que não os seus?

3.1. Mas Portugal é mediterrânico?

Matvejevitch exclui Portugal das suas considerações mediterrânicas. Braudel afirma: *o exemplo português levamos para fora dos limites do Mediterrâneo* (1995, p. 63) – enquanto aponta abundantes exemplos de Portugal como corolários do *ethos* mediterrânico.

Orlando Ribeiro [1945] (1998) conclui que Portugal é atlântico por posicionamento, mas mediterrânico por vocação.

O sentido de apropriação mediterrânica em Portugal atinge tal profundidade, que a crença messiânica do Padre António Vieira no Quinto Império se alicerça numa herança directa de Assírios, Persas, Gregos e Romanos, domínios que nasceram e se expandiram a partir do interior da bacia do Mediterrâneo, como potentados marítimos e comerciais, para lá de militares.

De Portugal, poder-se-ia então dizer tratar-se, na fantástica expressão de Ricardo Agarez, de um enigma mediterrânico no Atlântico, ainda que tenha perpetrado uma “boa traição” à sua *alma mater* geográfica e etológica com a Diáspora, que inicia um longo processo de desvio do eixo centralizador do Mediterrâneo (dando continuidade ao seu trajecto para Ocidente, depois de passar da Mesopotâmia para a Grécia, e desta para Roma), alargando os seus horizontes com as viagens transatlânticas e intercontinentais.

Se esta abertura geográfica obriga o Mediterrâneo a partilhar a sua centralidade global, por outro lado a expansão ultramarina leva consigo a identidade mediterrânica que, por exemplo, se vai consolidar nas açoteias moçambicanas ou nos “tavirenses” telhados em tesoura que se vão erguer nas Índias Portuguesas (Ribeiro, [1961] 2013).



Fig. 5 Bizâncio (Braun & Hogenberg, [1617] (2019))

3.2. Pode o Mediterrâneo salvar o mundo?

O património mediterrânico está hoje em rápida erosão. *O desaparecimento das casas regionais [...] é também mais um aspecto desse movimento geral de nivelamento que caracteriza a nossa época, corolário fatal da industrialização, que marca o apagar de valores afectivos essenciais e da fascinante diversidade do mundo – o fim dum humanismo que foi uma filosofia da vida* (Oliveira & Galhano, [1955-56] 2003, p. 374), ao mesmo tempo que “*está em curso, desde há algum tempo a esta parte, uma destruição sistemática dos sistemas tradicionais [...] fenómeno [...] promotor de uma profunda descaracterização da paisagem tradicional [...], concretamente da sua identificação com o cunho mediterrânico* (Duarte Gomes, 2017).

A vida moderna, obcecada com eficiência e velocidade (as distâncias medem-se em tempo, não em quilómetros) condena à morte as aldeias *alcandoradas e tranquilas, que se alcançam por caminhos em torcicolos, quando não em escadarias* (Ribeiro, [1968] 2011, p. 139), pois o primado do automóvel não se compadece de caminhos de gente, burros e bois.

A crítica encerrada na reflexão de Paul Virilio, que através da sua “ecologia cinzenta” ataca a poluição da Natureza-Grandeza que degrada as distâncias e as durações do tempo, assentaria perfeitamente numa defesa da mediterraneidade: *o mundo encolheu-se, encolheu-se terrivelmente, já não viajamos, deslocamos-nos* (Virilio, 2000, p. 92). Porque o Mediterrâneo conflitua, desfasando-se, com o mundo contemporâneo: *educado no respeito de muito antigos valores de civilização, o Mediterrâneo não sacrifica incondicionalmente ao tempo, ao dinheiro, à eficiência – os três grandes ídolos do mundo moderno – a razão da sua vida* (Ribeiro, [1968] 2011, p. 30).

Analisada em profundidade, esta essência mediterrânica, lenta e ineficiente, mas telúrica e humanista, fornece respostas e mecanismos eficazes para desafios contemporâneos, que questionam os modelos de crescimento infinito num mundo de recursos finitos. As suas características vão mesmo ao encontro dos princípios do decrescimento (Latouche, 2020), de entre os quais se destacam os valores da partilha e cooperação, a adaptação dos aparelhos produtivos às condicionantes do meio e o reduzido desperdício.

Para que a arquitectura de paisagem e a arquitectura de edificado possam contribuir para o sanar deste conflito, devem obrigatoriamente respeitar o *ethos* mediterrânico, (re)interpretando-o e (re)desenhando-o no tempo actual.

Recuperando, nos modelos de paisagem e de casa, os princípios do nível mínimo de energia e o respeito pelos recursos e seus limites, explorados com parcimónia, que o habitar mediterrânico adopta. Recuperando o respeito pela escassez e valor da terra, algo que contrasta com a contemporânea displicência na gestão do espaço e do solo, sem os compreender como reserva estratégica de fertilidade e capacidade produtiva, não aumentável por mera vontade.

Recuperando e reacendendo talvez o farol de humanidade que a cultura mediterrânica representou durante tanto tempo para a Europa – que fundou e educou – e para o Mundo, e a cujo eclipse não será certamente alheia a periclitância da União Europeia.

Recuperando o fundamento do próprio sucesso da mediterraneidade.

Bibliografia

- Beires, R., Amaral, J. & Ribeiro, P. (2013). *O cadastro e a propriedade rústica em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Braudel, F. [1949] (1995). *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II – Volume I*. Lisboa: D. Quixote.
- Braudel, F. (2001). *The Mediterranean in the Ancient World*. London: Penguin Books.
- Braun, G. & Hogenberg, F. [1617] (2019). *Cities of the World*. Köln: Taschen.
- Brotton, J. (2013). *A History of the World in twelve maps*. London: Penguin Books.
- Caldeira Cabral, F. (1993). *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- Comellas, J. (2011). *Historia de los cambios climáticos*. Madrid: RIALP.
- Duarte Gomes, G. (2017) “O Algarve arrancado pela raiz”. *Sul Informação*, 2 agosto. Disponível em <https://www.sulinformacao.pt/2017/08/o-algarve-arrancado-pela-raiz/> [Acedido a 22 maio 2020].
- Jabouille, V. (1996). *O Mediterrâneo Antigo: Unidade e Diversidade*. Lisboa: Colibri.
- Latouche, S. (2020). *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*. Lisboa: Edições 70.
- Matvejevitch, P. (2019). *Breviário Mediterrânico*. Lisboa: Quetzal.
- Oliveira, E. V. de & Galhano, F. [1955-56] (2003). *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote.
- Puente, M. (ed.) (2002). *Alejandro de la Sota. Escritos, conversaciones, conferencias*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Ribeiro, O. [1945] (1998). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Sá da Costa.
- Ribeiro, O. [1968] (2011). *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, O. [1961] (2013). *Geografia e Civilização – temas portugueses*. Lisboa: Livraria Letra Livre.
- Serra, R. (2006). *Arquitectura y climas*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Silvano, F. (2010). *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Theroux, P. (1996). *The Pillars of Hercules*. London: Penguin Books.
- Tostões, A. (ed.) (2016). *The Mediterranean Question*. Lisboa: IST Press.
- Virilio, P. (2000). *A velocidade de libertação*. Lisboa: Relógio D’Água.